

"MOVIMENTO HIP HOP DO BAIRRO MÁRIO QUINTANA": DO BAIRRO PARA O FORUM PERMANENTE DO HIP HOP GAÚCHO.

DIOGO RAUL ZANINI
ROSANE APARECIDA RUBERT

UFPel – diogoraul@hotmail.com
UFPel – rosru@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente Projeto de Pesquisa propõe se debruçar sobre os estudos da diáspora afro-americana (HALL, 2003 e GILROY, 2001), tendo como foco o Movimento Hip Hop em Porto Alegre/RS. A conquista recente da criação do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho (FPHHG) em Porto Alegre apontou a necessidade do movimento em formular e implementar políticas públicas específicas voltadas para promoção da igualdade racial, geração de renda, educação, cultura, auto-affirmação entre outras demandas construídas pelo movimento. Tais políticas contrapõem a lógica da periferização da sua população e o racismo estrutural.

Tomando como ponto de análise as oficinas de Hip Hop coordenadas por uma ONG no bairro Mário Quintana, como se constituiu o movimento dentro do bairro? Quais as organizações ou personalidades representativas? Que relações mantêm umas com as outras? De que forma e em que ocasiões se relacionam com organizações/personalidades de outros bairros? Como se autorrepresentam enquanto moradores deste bairro e a relação do Hip Hop com isso? Podemos descrever em um texto antropológico elementos da cosmo-política afro-americana em Porto Alegre? Em meados da década de 1970 surgia o movimento Hip Hop nos Estados Unidos. Ele surge como um movimento que, no princípio, tinha como proposição equalizar os conflitos entre jovens negros moradores de bairros de periferia na cidade de Nova York. Esses jovens eram tanto estadunidenses como imigrantes de países caribenhos como a Jamaica. Nesse sentido, o Movimento Hip Hop já inicia como um movimento diaspórico, ou seja, do encontro de populações negras produzidas pela dispersão de africanos durante o regime escravagista. O Hip Hop ofereceu a possibilidade de mediar os conflitos entre grupos diferentes, mas que compartilhavam uma história comum (a experiência afro-americana em um contexto racista e desigual). Segundo o Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre (2010) isso que coloco como comum estaria marcado por esse processo de "enraizamento múltiplo". Os bairros de periferia representariam essas múltiplas raízes dos desdobramentos diaspóricos: são singulares e comuns, expressam as diversas histórias de resistência ao poder colonial cada qual a sua maneira. Essa diversidade produziu expressões culturais como o Samba, Reggae, Maracatu e também deram as bases para o surgimento da cultura e do movimento Hip Hop. O Hip Hop nessa perspectiva surge por meio de diferentes formas de expressões complementares, vindo a originar os quatro elementos da cultura Hip Hop: Break Boy (dança), Grafitti (pintura e artes plásticas), Rap (do inglês *rhythm and poetry* - Ritmo e Poesia, a música tocada, lettrada e rimada pelos rappers) e o Dj (Disc Jokey, o elemento que produz e toca as bases instrumentais das músicas).

2. METODOLOGIA

O Bairro Mário Quintana convive com um dos maiores índices de homicídio e

vulnerabilidade social da cidade. Descrever o Hip Hop no Mário Quintana também é produzir outra narrativa que não aquela vinculada majoritariamente pela mídia local que apresenta o bairro como um local violento, formado por pessoas violentas. Nesse sentido organizo o trabalho de campo em dois caminhos.

1) O bairro Mário Quintana: Acompanhar as oficinas de Hip Hop elaboradas pela Ong SUVE em escolas municipais do bairro, como a Timbauva e a Chico Mendes¹. As oficinas são ministradas por rappers, grafiteiros, b.boys e dj's moradores do próprio Mário Quintana. Pretendo nessas oficinas descrever a relação dos oficineiros, com o público atendido, com a administração da escola e tentar caracterizar os princípios do Hip Hop que para Gilroy (2001:179) seriam pedagogia, afirmação, e brincadeira, princípios estes que, no Brasil, podemos nos referir ao quinto elemento (conhecimento, consciência e afirmação).

2) A rede: Analisar o deslocamento, desses oficineiros e outros ativistas do Hip Hop no bairro Mário Quintana, e as conexões em rede do movimento, tomando como referência os eventos de Hip Hop e as reuniões do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho e que agenda é produzida pelo movimento nesse contexto.

Depois de organizar o que será pesquisado se faz relevante responder como será realizada a pesquisa. A base metodológica é a etnografia, que compreende o método de inserção ao campo de pesquisa e o entendimento do pesquisador frente aos desafios do fazer etnográfico.

Assim, pretendo compreender essas articulações simbólicas através do estudo do uso das redes sociais como o facebook, acompanhado dos eventos, das letras de músicas, das expressões grafitadas, são tomados como referências nesse percurso etnográfico para analisar o Hip Hop em Porto Alegre a partir do bairro Mário Quintana.

Uma vez que realizamos o trabalho de campo e começamos a analisar o diário de campo, as imagens e as gravações que fazemos nos vem à tona questões referentes a ética na pesquisa. Tratar de ética hoje em Antropologia é reconhecer a história da Antropologia como uma ciência que já esteve e pode estar a serviço da colonização estatal e epistêmica, desconstruir o colonialismo nos métodos que instrumentalizam a Antropologia, em um sentido mais auto-crítico do que propriamente de denunciar o “outro” que faria uma antropologia colonial.

Ao mesmo tempo em que o movimento Hip Hop se dispõe e se organiza para disputar políticas públicas de cunho afirmativo podemos ver as relações de solidariedade próprias da diáspora negra. Estou me referindo ao fato de que a grosso modo a comunidade negra jovem aciona a categoria racial como forma de mostrar afinidade com o outro que é tido como próximo devido a questão racial. Por exemplo, é frequente ver os rappers se referindo ao outro precedido da palavra *nego* (negro). “Bah e aí Nego Duda, vamos gravar aquele som?!” esse exemplo pode ser relacionado a outros estudos no contexto de diáspora como os estudos de Mintz e Price (2003:67) quando eles descrevem que na Jamaica o termo *parceiro de bordo* era usado com o mesmo sentido de irmão ou irmã, era um laço precioso que os africanos mais prezavam. Assim como as crianças chamavam de tios e tias os parceiros de bordo de seus pais. Não se trata de uma afinidade biológica e sim de um conteúdo simbólico semelhante, em uma relação diádica entre pessoas que viveram um mesmo infortúnio (2003:67).

Nesse sentido Hall expõe o hibridismo como uma forma de pensar essas relações entre a modernidade e as culturas sem cair numa perspectiva assimilaçãoista. O parceiro de bordo, o mano, o nego, estão presentes de forma mais ampla numa representação hifenizada da relação entre diferentes culturas e a modernidade, é o que vemos em

¹ A Ong SUVE por meio de edital do programa Ponto de Cultura promovido pelo governo estadual firmou parceria com escolas municipais do bairro Mário Quintana e executa oficinas de Hip Hop no bairro.

termos como afro-americana, afro-brasileira, afro-caribenha. Ao mesmo tempo que essas categorias expressam uma relação com um contexto comum – o ser africano, elas também expõe a situação colonial em que se encontram e se desenvolvem – brasileira, caribenha, americana.

Para outros ainda, a hibridização está muito avançada — mas quase nunca num sentido assimilacionista. Esse é um quadro radicalmente deslocado e mais complexo da cultura e da comunidade do que aqueles inscritos na literatura sociológica ou antropológica convencional. O "hibridismo" marca o lugar dessa incomensurabilidade. Em condições diáspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, multiplas e hifenizadas (HALL, 2003:76).

Os trabalho de Hall e Gilroy podem ser entendidos como teorias anti-assimilacionistas. Tanto o conceito de Atlântico Negro como Hibridismo nos apresentam possibilidades de refletir o processo de modernização ao qual foi submetido uma diversidade de povos pelo mundo desde uma perspectiva que tenha a cultura como referência para se pensar esses processos. Para isso é fundamental compreender que essas categorias e disputas emergem em contextos específicos, não podendo haver generalização ou simplificação desses contextos expressos no discurso racializado, seja pela cultura, seja pela modernidade e os processos de influência do capitalismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho está em fase inicial de pesquisa. No entanto podemos perceber uma complexa diversidade de protagonistas e ações produzidas pelo movimento Hip Hop em Porto Alegre/RS. O Bairro Mário Quintana apresenta uma diversidade de tempos e histórias em cada uma de suas vilas que o formam, já o FPHHG é constituído por fluxos de ativistas de diferentes regiões da cidade, possuindo uma dinâmica interna intensa, tanto no que diz respeito a seus integrantes bem como da frequencia com que circulam pelo Forum.

Costurar a relação entre o recém fundando *Movimento Hip Hop do Mário Quintana* em suas relações cotidianas no bairro e com a cidade se apresenta como um desafio para a presente pesquisa. Pensar o Hip Hop através do estudos culturais tem se mostrado até aqui uma produtiva relação teórica para compreender esse importante movimento cultural.

4. CONCLUSÕES

O momento político em relação as Ações Afirmativas no Brasil dá ao Movimento Hip Hop a possibilidade construir pontos de intersecção, de encontros entre o poder público e o ativismo do movimento frente aos desafios e as demandas colocadas pelo Movimento Negro e pelos movimentos de Juventude Negra em nosso País. Nesse sentido a antropologia brasileira ganha um fôlego diferente para pensar o tema da diáspora negra neste país. Tal momento pode contribuir para o debate de vertentes espitemológicas descoloniais, implicando teoricamente e metodologicamente os estudos que tenham como tema os afrodescendentes no Brasil e a relação com a diáspora. A relevância dessa proposta se dá também na possibilidade de escrever e acumular conhecimento sobre grupos e espaços que ainda não se transformaram em dissertação de mestrado em

antropologia.

Como trata-se de uma pesquisa em fase inicial, no que se refere a pensar a relação entre o Quinto Elemento (que não pode ser explorado de forma direta nesse texto) e o fazer político dos ativistas do movimento Hip Hop ainda muito material deve ser produzido para dar conta de tal iniciativa.

Por outro lado é importante ressaltar que os grupos de rappers em Porto Alegre assim como os Bondes do Rio de Janeiro (CUNHA, 2001) bem como a juventude negra de forma geral também sofrem uma série de perseguições, e discriminações cotidianas. E além de ter que lidar com situações de racismo institucional na relação com os gestores, também tem que lidar com a pressão de tirar o sustento a partir da cultura Hip Hop. Ou seja o movimento Hip Hop sendo pensado como parte desses fluxos diáspóricos de autenticidade e luta por uma sociedade anti-racista. Com esses dados colocados podemos perguntar se existe um ponto de encontro entre o Movimento Hip Hop e a Antropologia? A resposta pode ser afirmativa quando vemos as denuncias de grupos que vivenciam e enfrentam cotidianamente a discriminação, como é o caso da militancia do Hip Hop e as populações que eles defendem. A Antropologia, por outro lado, problematiza sua trajetória enquanto disciplina e suas implicações no campo da ciência e de formulações de políticas públicas, sejam elas articuladas com setores conservadores ou mais progressistas da sociedade nacional. Analisamos o Hip Hop como um movimento que coloca o problema do colonialismo como matriz e motriz de desigualdades, assim como na antropologia de uma perspectiva diferente, se aponta para o mesmo problema, da relação entre estado nacional, globalização, e movimentos culturais. Nas conclusões o autor deve apresentar objetivamente qual a inovação obtida com o trabalho, evitando apresentar resultados neste espaço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, O. M. G. da. **Bonde do Mal: notas sobre território, cor, violencia, e juventude numa favela do suúrbio carioca.** In: Rezende, C. B.; MAGGIE, Y. (org.). Raça como Retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GILROY, P. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência.** Rio de Janeiro, ed. 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. p. 427. 2001.
- HALL, S. **Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior.** In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO, p. 434. 2003.
- MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **O nascimento da Cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica.** Rio de Janeiro. Pallas; Universidade candido Mendes, 2003.
- SOUZA, Vinicius Vieira de. **Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre.** Ed. Porto Alegre. 2010.